

**I CONGRESSO INTERNACIONAL LUSÓFONO
TODAS AS ARTES | TODOS OS NOMES
Livro de Atas**

**Glória Diógenes, Lígia Dabul,
Paula Guerra e Pedro Costa (Orgs.)**


**I CONGRESSO INTERNACIONAL LUSÓFONO
TODAS AS ARTES | TODOS OS NOMES
Livro de Atas**

**Glória Diógenes, Lígia Dabul,
Paula Guerra e Pedro Costa (Orgs.)**

Publicado em Março 2017
por Universidade do Porto. Faculdade de Letras
Via Panorâmica, s/n,
4150-564, Porto, PORTUGAL
www.lettras.up.pt

Design: Tânia Moreira
Capa: Esgar Acelerado
ISBN 978-989-8648-85-3

O conteúdo dos textos publicados é da total responsabilidade do(s) seu(s) autor(es), e não reflete necessariamente a opinião dos organizadores desta obra.

 Atribuição CC BY

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. É permitida a distribuição, adaptação e criação de trabalhos a partir dos conteúdos apresentados nos textos publicados nesta obra, desde que devidamente identificada a fonte.
Mais informações: <https://creativecommons.org/licenses/>

CAPÍTULO 8

Apropriações contemporâneas da cultura azulejar

Contemporary cultural appropriations of *azulejo*

Marluci MENEZES¹

Resumo

O artigo procura dar conta de algumas expressões que configuram as contemporâneas manifestações de recurso à cultura azulejar. Considera-se o interesse em abordar a relação entre estas manifestações e o atual processo de patrimonialização do azulejo. O artigo foca determinados aspetos da relação entre continuidade e renovação da arte do azulejo, e a emergência de uma apropriação transfiguradora de entendimento e uso da cultura azulejar. O objetivo é pontuar alguns dos aspetos que sobressaem para aprofundar a ideia de que o azulejo é bom para pensar a mediação entre memória, cultura, identidade e sociedade na significação do património.

Palavras-chave: arte azulejar, património, significados sociais, contemporaneidade, processos de patrimonialização.

Abstract

The article gives an account of some manifestations that configure the contemporary resorting to the glazed ceramic culture. The interest of the relationship between these manifestations and the current process of *azulejo* patrimonialisation is considered. The article points out the relationship between continuity and renewal of *azulejo* art, and the emergence of a transfiguring appropriation in the use of glazed ceramic culture. The aim is highlighting the aspects that stand out to support the *azulejo* contribution when considering the mediation between memory, culture, identity and society in the heritage meaning.

Keywords: culture of *azulejo*, heritage, social meanings, contemporaneity, patrimonialization process.

1. Notas iniciais

Os aspetos que aqui abordo enquadram-se numa perspetiva mais ampla de estudo, onde se visa estudar o atual processo de valorização sociocultural do azulejo integrado na arquitetura. De um ponto de vista antropológico, pretende-se reconstituir representações e práticas que advêm deste processo e que, paralelamente, o compõem e organizam. O azulejo afigurou-se, assim, como bom para pensar a mediação entre memória, cultura, identidade e sociedade (Menezes, 2015). Em síntese, propõe-se analiticamente investigar sobre o lugar preenchido pelo azulejo na significação social do património, focando em particular o caso português, já que:

O Azulejo é em Portugal uma das expressões fundamentais de Cultura, onde inscreve funções não só de estrita decoração, mas sobretudo de transcendência artística, como suporte de imagens ao longo dos cinco séculos em que, sem interrupção, foi aplicado nos espaços nobres das arquitecturas e das cidades.

¹ Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Portugal. E-mail: marluci(at)lnec(dot)pt.

Os portugueses elegeram para os seus edifícios, com peculiar inteligência prática, este material pobre — placa cerâmica vidrada que se desmultiplica conforme a dimensão das paredes, de grande durabilidade e de manutenção simples — escolha que se prendeu também com as suas qualidades sensíveis de matéria, cor e brilho, e o seu valor simbólico como registo profundo de existência (Henriques, 2000: 13).

Os caminhos realizados pela cultura azulejar renovam-se por entre expressões, lugares, desejos, interesses, grupos sociais e visões de mundo, adaptando-se, e conformam uma herança que, na sua renovada continuidade, conta-nos sobre o que se esconde por detrás da matéria: uma também leitura sobre determinados aspetos socioculturais da valorização do património numa determinada sociedade.

A ideia de partida deste estudo mais ambicioso relaciona-se com uma indagação em torno da ideia de um 'gosto português'² pelo azulejo. Uma ideia que não só ressoa na relevância com que o azulejo habita a paisagem cultural do País, como também se reflete em outros aspetos, tais como: o azulejo mostra-se como um marcador identitário, tendo cativado lugar num Museu Nacional; é uma cultura material abrangida pelos conteúdos que definem a categoria património; representa uma determinada linha de divulgação do País. Enaltecido por uns, trivializado por outros, o azulejo é apropriado por entre significados, à partida, dinâmicos e contraditórios: vandalizado, esquecido e mesmo substituído por outros revestimentos, simultaneamente é exaltado, reinventado, patrimonializado e usado como recurso para a promoção turística do País.

Neste artigo foco um aspeto, entretanto observado na sequência da pesquisa que se realiza para um programa de estudo mais abrangente e aprofundado. Isto é, observando a continuidade da cultura azulejar e da sua respetiva aptidão para renovar-se, identifica-se a emergência de uma diferente lógica de recurso ao azulejo. À partida, esta outra lógica sugere um novo e diferente fenómeno de uso da cultura azulejar: a emergência de uma apropriação transfiguradora de entendimento e uso do azulejo. Pelo que, neste artigo, proponho apresentar estas três lógicas de recurso à cultura azulejar — continuidade, renovação e transfiguração no recurso à cultura azulejar — considerando que são importantes para melhor conhecer o atual processo de patrimonialização do azulejo.

Parte da discussão aqui encetada resulta de informações coletadas no decorrer da pesquisa acima indicada. Em síntese, realizou-se (e ainda se realiza): pesquisa bibliográfica sobre o tema do azulejo; consulta alargada a guias turísticos e a artigos jornalísticos, *sites* e *blogs* com referência ao azulejo; entrevistas aprofundadas com artistas e ceramistas, bem como um conjunto de troca de impressões e de entrevistas pontuais com uma variedade de interlocutores privilegiados (arquitetos, estudiosos e técnicos-especialistas do azulejo, etc.); a frequência pontual a cursos de história e seminários sobre a arte do azulejo³; recolha de imagens fotográficas de uma variedade de expressões associadas à

² Ideia inspirada pelo título de exposição realizada, em 2012, no Museu Nacional do Azulejo. Ver: Um gosto português. O uso do azulejo no século XVII [catálogo de exposição]. Lisboa: MNAz/Athena (2012).

³ Algumas das atividades aqui relatadas têm sido realizadas em conjunto e com o contributo da antropóloga Eva Maria Blum, com quem tenho vindo a construir uma antropologia do azulejo.

cultura azulejar. Uma pesquisa que também se tem sustentado pela observação atenta e *in loco*, de diversificadas menções feitas ao azulejo na contemporaneidade.

2. A renovada continuidade da arte do azulejo

A lógica de continuidade associada ao azulejo pode, a princípio, ser compreendida em dois sentidos. Um deles remete para a longevidade do azulejo e não só recupera o seu significado histórico de uso e manifestação, como de permanência da matéria ao longo dos anos, na verdade através de séculos. Um segundo sentido para compreender a continuidade do azulejo relaciona-se com a prossecução do seu uso, e mesmo, de expansão e pluralidade com que se dá a sua recorrência. A continuidade do azulejo como expressão de referência da cultura material exprime-se, contudo, por um sentido particularmente singular: uma persistência que se define pela sua capacidade de renovação. Melhor dizendo, a continuada recorrência ao azulejo em Portugal e, como tal, da sua originalidade, define-se por um “espírito de continuidade renovadora” (Santos, 1957: 8). E que, como salienta o autor, é uma originalidade que sobretudo advém do sentido ornamental desta arte decorativa que, assim, a “inspira e renova”, não necessariamente sobrevivendo a sua inovação, de uma característica técnica.

O que caracteriza a singularidade do azulejo português, cuja técnica foi sobretudo a da majólica, isto é, da pintura sobre a superfície plana do barro cozido, foi logo de início uma visão monumental da sua aplicação, mesmo dos azulejos importados, e que se renovou na ampla decoração mural e policrómica do século XVII, revestindo a totalidade dos muros, portas, janelas, frontais de altares e até tectos e abóbadas. (Santos, 1957: 7-8)

A originalidade do azulejo português dar-se-á, com especial enfoque, na sua ligação à arquitetura e da qual resultou um uso à escala da própria construção, o que contribuiu para a configuração do seu carácter monumental. Uma característica que não só define o azulejo português, como o distingue, ao longo da história, de outros contextos em que a sua utilização tem recorrência. Um exemplo é o comentário abaixo sobre a forma como portugueses e holandeses recorreram a gravuras para inspirar um painel de azulejo:

Ao usar uma gravura como inspiração para um painel, os portugueses tipicamente alteravam o que fosse necessário para a sua adequação a um local específico. As representações holandesas dos temas são menos expressivas em comparação com as interpretações portuguesas de determinada imagem (...). Enquanto os artistas portugueses não eram tecnicamente tão proficientes como os pintores holandeses de azulejos, eram muito mais criativos num estilo ingénuo. Criavam azulejos para um efeito de conjunto numa determinada estrutura arquitectural e pareciam ter um talento sem paralelo para a decoração. (Georgia, 1995: 24)

Na verdade, este conjunto de aspetos característicos do azulejo português define, como observado por Reynaldo dos Santos, uma “originalidade” que, desde o século XVI, reside na “sua própria evolução, cuja unidade residiu, não na imutabilidade duma

concepção tradicional, mas na variedade de invenção inspirada na adaptação ao estilo e espírito das épocas” (1957: 8).

Se é que no séc. XVII o azulejo assume-se pela sua diversidade decorativa, a participação de pintores qualificados na sua execução, conforme se verifica no século XVIII, consagraria à matéria um representativo estatuto artístico. Mas, a sua vocação higiénica e de embelezamento rápido e moderno logo se fez notar no período pós-terramoto (finais do século XVIII). Em meados do século XIX o azulejo, já semi-industrial, conquista a fachada dos edifícios, chamando a atenção de visitantes estrangeiros, tal como assinala Castanheira das Neves em princípios do século XX:

(...) nas nossas casas, antigas e modernas, principalmente nas fachadas, é tão vulgar o uso do azulejo, liso, polychromo, de desenho mais ou menos elegante que Albrecht Haupt o considera 'bem característico da architectura portuguesa', e Theodor Bogge 'característico do País', como Raczynski o appellidara 'physionomico' (in Castanheira das Neves, 1908: 169).

O notório lugar do azulejo no espaço urbano logo se expressaria por uma crescente inovação, resultado de uma criativa e crescente combinação entre um sentido mais tradicional da arte com um outro mais progressista. São exemplos significativos a sua aplicação nas estações de comboio (1930-1940) e, com o surgimento do metropolitano em Lisboa (1959), o recurso feito ao azulejo na ornamentação das suas estações. Em finais da década de 1950 o azulejo assume o estatuto de arte pública. Ao que, a encomenda de expressivas obras passa a ser realizada a artistas de mérito reconhecido, nacionais e estrangeiros. A influência da industrialização fez-se, no entanto, cada vez mais presente no processo de produção do azulejo. Transformado em objeto de produção maciça e industrial, o azulejo dissemina-se e o seu uso populariza-se e expande-se não só nos espaços interiores, mas também nas fachadas de casas e edifícios que, a partir dos anos de 1960-70 e aproximadamente até a última década do século XX, se fizeram construir no território urbano que se viria a formar na abrangência de muitas das cidades portuguesas⁴. O azulejo participou, à sua maneira, da dinâmica de expansão dos territórios urbanos do país. Um fenómeno que configuraria uma “apropriação exuberante” do azulejo, tal como assinalado por João Cortiço⁵, sendo particularmente identificável nos subúrbios e periferias que sobretudo cresceram em volta das principais cidades de que são exemplo Lisboa e Porto.

Na última década do século XX o azulejo reinventa-se como arte pública, participando da renovação e da construção de novas estações do metropolitano, vindo a tornar-se uma também referência nas encomendas feitas à artistas renomados, nacionais e estrangeiros,

⁴ É de salientar que o azulejo semi-industrial ocupou as fachadas a partir da década de 1840 e até cerca de 1910, não só em Portugal, mas também no Brasil, onde veio a ser integrado na arquitetura modernista, primeiro no Brasil e depois em Portugal.

⁵ Em sede de palestra realizada em sessão do AzLab na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 3 de dezembro de 2014.

no âmbito de alguns contextos relacionados com a Exposição Mundial de 1998 em Lisboa, vindo posteriormente a manifestar-se na arquitetura edificada nesta mesma zona (Parque das Nações). O sentido artístico associado ao lugar público que o azulejo assume no espaço urbano, revela o modo insinuante desta arte na reinvenção da “cidade de loiça” (Pais, 2014).

3. Continuidades transfiguradoras na atualidade da cultura azulejar: breves apontamentos

A relação entre continuidade e renovação da arte azulejar não é assim tão linear, já que o seu uso tem sido, ao longo da história, precedido por momentos de descontinuação. Estes períodos de declínio no uso do azulejo estão normalmente associados às dificuldades conjunturais, tais como guerras, crises económicas e questões sociais afins. Mas, ainda assim, podendo não ocorrer uma promoção exuberante do azulejo nesses intervalos de descontinuidade, o mesmo não significa o abandono da cultura. Tomemos, a título de exemplo, o interregno que muito possivelmente se deu no princípio do século XXI, refletindo-se num acanhar da sua manifestação. Mas, olhando este último período é também interessante notar que, neste intervalo da relação entre continuidade e renovação da cultura azulejar, parece germinar alguns elementos da sua reinvenção contemporânea. Neste sentido, por um lado, desde finais do século XX observa-se uma maior protagonização do azulejo a partir da ideia de património, bem como é curioso observar que a sua aparente descontinuidade, irá inspirar a renovação da cultura azulejar, mas também outros diferentes fenómenos da sua manifesta transformação.

Um dos fenómenos que se observa é que a cultura azulejar assume um estatuto de arte urbana⁶, tal como referido para a *street art*, inicialmente, de carácter mais efémero e que, como tal, contradiria a ideia de perenidade da matéria azulejo. Mesmo em casos de o azulejo ser peça cerâmica, observa-se que a sua manifestação se dá informalmente. Noutras situações, esta mesma condição informal aparece a partir de uma versão ideográfica do azulejo, afixada em matéria outra, contribuindo para efeito as novas tecnologias, tal como são as digitais. Uma outra característica da cultura azulejar enquanto *street art* são as intervenções que, à partida, se propõem denunciar o

⁶ No presente texto assumo provisoriamente que as noções de arte urbana e arte pública são distintas, somente para diferenciar os fenómenos que aqui pretendo demonstrar. Assim, por arte pública estou, por agora, a considerar a arte que tem por referência algum tipo de encomenda formal, mais normalmente advinda da parte do poder público. Já por arte urbana considero o que também é refletido como arte de rua (*street art*), isto é, como aquela que, à partida, se realiza mais informalmente, considerando que “a arte de rua é tática. É independência. E, como queria Brassã, fornece ao cotidiano os meios para embutir, nele próprio, algo de ‘sagrado’” (Junior, 2011: 144). Todavia, tal como refere Zaidler Junior, estes termos se relacionam, identificam nuances e particularidades. Ao que, a arte urbana (enquanto *street art*) poderá também ser concebida como uma das variantes da arte pública, nomeadamente quando hoje em dia sabemos das encomendas do poder público para a constituição de verdadeiras galerias urbanas de arte de rua. Ver também: (Neves, 2015; Abreu, 2015).

vandalismo para com os revestimentos de azulejo, normalmente em zonas históricas. Estas intervenções, contudo, tanto podem se socorrer de azulejos enquanto peças cerâmicas ou em outro material, às vezes reproduzindo azulejos nos espaços vagos de um painel ou fachada. Por exemplo, em matéria do Jornal Público intitulada “O azulejo tradicional reinventado por artistas contemporâneos”, o texto em destaque chama a atenção para os materiais em uso e que podem ser “em cerâmica, papel, stencil ou pixelart”, ainda que seja considerado que “o formato e a técnica utilizada variam, a essência não”, salientando mais adiante que a arte urbana é onde esta atual tendência manifesta-se com considerável representatividade (Flores, 04.08.2012, *in* Público)⁷.

Mas, às vezes, esta arte, *a priori*, mais informal, responde a uma encomenda e adquire o estatuto de arte pública, sendo algumas das manifestações desta arte os painéis cerâmicos. O que, à partida, contraria um sentido mais efémero da *street art*. Como exemplo, cita-se o caso do Mural de Azulejos de André Saraiva (artista gráfico), situado no Jardim Botto Machado, na área da Feira da Ladra em Lisboa⁸.

Um outro sentido da transfiguração do azulejo em matéria outra é o recurso feito as suas expressões mais visíveis (forma quadrada, cores, estampas e iconografias mais tradicionais) para inspirar a estética, decoração e estilização de objetos que, de entre as suas várias componentes e funções, uma delas perde força: o uso do azulejo como revestimento em arquitetura. Isto é, paralelamente a arte do azulejo renovar-se enquanto revestimento (ou mesmo enquanto alusão ao azulejo perdido em fachadas vandalizadas ou em acentuado estado de degradação), o azulejo transforma-se numa inspiração para a estética de anéis, brincos e colares, capa de blocos de notas, canetas, colares e brincos, roupas, sofás, sapatos, biscoitos, sabonetes, papeis de embrulho (etc.). Aqui a ideia de azulejo como marcador identitário, embora presente, estimulará toda uma economia cultural intimamente associada à ideia de cidade criativa ou de uma economiação da cultura, perfazendo um:

(...) fenómeno social global que, todavia, faz pensar o fenómeno mais local de apropriação da ‘ideia’ de azulejo como fazendo também parte do *place branding* de muitas cidades portuguesas, eventualmente de uma ‘marca’ (*branding*) do País: a ‘Marca Portugal’. Um fazer património (*heritage making*) intimamente ligado ao setor das indústrias criativas, tendo o mesmo passado a integrar os novos sentidos culturais de apropriação da ‘ideia’ de azulejo. Daí resultam novas experimentações dos motivos azulejares, da sua aplicação em materiais diversos e não cerâmicos, enfim, o repercutir

⁷ A título de exemplo tem interesse consultar os seguintes sites relacionados com alguns artistas, tais como: Add Fuel (Diogo Machado) — <http://gerador.eu/autor/add-fuel/>. Ver também: site do autor — <http://www.addfueltothefire.com/>, e ainda: <https://ideiasderua.blogspot.pt/2012/03/diogo-machado-add-fuel-to-fire.html>; Maria d’Almada — <https://www.flickr.com/photos/recuperarte/>; Pixelejo (Tiago Tejo) — <http://chocoladesign.com/pixejejo-azulejos-reinventados>.

⁸ Mais informações em: <http://www.belasartes.ulisboa.pt/mural-de-azulejos-de-andre-saraiva-com-a-colaboracao-de-alunos-da-fbault/>; <http://www.cm-lisboa.pt/noticias/detalhe/article/mural-de-azulejos-de-andre-saraiva-da-brilho-ao-muro-do-jardim-botto-machado>; <http://ocorvo.pt/2016/09/20/mural-de-azulejos-no-campo-de-santa-clara-vai-estar-pronto-no-final-de-outubro/>.

destas novas lógicas de apropriação da cultura azulejar no sector da moda, do design, do *webdesign* e da publicidade. (Menezes & Blum, 2016: 27)

Não menos interessante é notar que estes objetos de consumo estetizados são, muitas vezes, reinterpretações de elementos culturais pré-existentes. Isto é, ao reproduzirem uma ideia de azulejo português, refletem determinados ícones e significantes culturais que podem ser reconhecidos como marcadores identitários. O que, por exemplo, poderá explicar a sua também presença nas lojas do Museu Nacional do Azulejo ou do Mosteiro de São Vicente de Fora.

4. O azulejo é bom para pensar o património: notas finais

Propus aqui identificar algumas manifestações da contemporânea apropriação da cultura azulejar, considerando que as mesmas estão ligadas ao processo de patrimonialização do azulejo. Focando a relação entre continuidade e renovação no azulejo, a par dos intervalos em que se verificam descontinuidades na manifestação desta cultura, observei a ocorrência de um novo e diferente fenómeno de apropriação da cultura azulejar e que, em síntese, remete para ideia de uma apropriação transfiguradora do azulejo. Contudo, procurei salientar que, a par de atualmente se experimentar uma apropriação transfiguradora de entendimento e recurso à cultura azulejar, mantém-se a inventiva capacidade de a arte azulejar renovar-se.

Na demonstração das atuais expressões de apropriação da cultura azulejar recorri a alguns exemplos. Observei que determinados artistas gráficos, nomeadamente aqueles mais associados à arte urbana (*street art*), têm vindo a trabalhar com a cultura do azulejo, quer na sua tradicional qualidade de material cerâmico, quer somente enquanto efeito visual, ou seja, reproduzindo uma ideia de azulejo em outra matéria. Notei que uma e outra situação podem ser visíveis nas paredes da cidade, ainda que sejam muitos os casos em que sobressaia a função estético-artística (mesmo em situações que visam denunciar o abandono e o vandalismo), sobre as outras funções do azulejo. Reparei ainda que alguns destes artistas, entretanto identificados com a *street art*, passaram a ter encomendas públicas para a execução de painéis em azulejo (enquanto material cerâmico). O que permitiu considerar que o sentido efémero da *street art* altera-se com a adoção de um material de maior durabilidade⁹, aproximando-se de um sentido mais usual de entendimento da cultura azulejo. Isto é, um sentido em que o azulejo é uma peça cerâmica, normalmente quadrada, com uma face vidrada e brilhante que pode ser mono ou policromática e que, em geral, é usada como revestimento em arquitetura, ainda que abarque significados funcionais, decorativos, artísticos, estilísticos, a par da durabilidade. Por outro lado, salientei sobre o emergir de um novo fenómeno que, inspirado na cultura

⁹ Este fenómeno foi também salientado por Alexandre Pais (Historiador de Arte do Museu Nacional do Azulejo) numa troca de impressões.

azulejar, sobretudo irá recorrer aos elementos formais, gráficos e iconográficos do azulejo para revestir objetos que não estão integrados na arquitetura, nem tão pouco se caracterizam por um sentido de perenidade. Embora este novo fenómeno associe-se aos processos de economização da cultura e de culturalização do urbano, destaquei a sua também associação ao processo de patrimonialização do azulejo. É, contudo, de salientar que, a par de atualmente se experimentar uma apropriação transfiguradora de entendimento e recurso à cultura azulejar, mantém-se a inventiva capacidade de a arte azulejar renovar-se.

Para finalizar, considero que o entendimento da secular manifestação de uma cultura material que se adapta, ao renovar-se, ainda que paradoxalmente perde-se, lembrando o interesse da sua salvaguarda, tem sido demonstrado em estudos históricos, mas pouco explorado de um ponto de vista antropológico. Tendo como fio condutor de análise a tríade continuidade-descontinuidade-renovação no uso do azulejo, associando à esta relação as dinâmicas de transfiguração da cultura azulejar, num sentido antropológico, abre-se um leque de possibilidades de estudo. Em síntese, de um estudo que remete para o entendimento dos mecanismos socio-simbólicos que configuram os significados de valorização do património azulejar. Ambiciona-se uma análise em que os fatos sociais sejam evidenciados, assim clarificando um pouco mais os significados do 'gosto português' pelo azulejo.

Agradecimentos: Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do Projeto Infraestrutura Nacional na área do Património Cultural — IPERION-CH.PT — FCT.

Referências bibliográficas

- Abreu, J. G. (2015). As origens históricas da arte pública. *Convocarte — Revista de Ciências da Arte*, 1, pp. 14-27. Acedido em http://convocarte.belasartes.ulisboa.pt/wpcontent/uploads/2015/12/Convocarte_1_site.pdf
- Castanheira das Neves, J.P. (1908). In *Notas sobre Portugal*, Vol. 1, (pp. 169). Lisboa: Imprensa Nacional.
- Flores, F. (2012). O azulejo tradicional reinventado por artistas contemporâneos. *Público*. Acedido em <http://p3.publico.pt/cultura/design/4002/o-azulejo-tradicional-reinventado-por-artistas-contemporaneos>
- Henriques, P. (2000). Introdução. *O azulejo em Portugal no século XX*. Edições INAPA: Lisboa.
- Menezes, M. (2015). Azulejo, cultura, memória e sociedade: para um estudo dos significados sociais do património azulejar. In *Proceedings International Conference Glazed Ceramics in Architectural Heritage*. Lisbon: LNEC.
- Menezes, M., & Blum, E. M. (2016). Para além do azulejo: matérias outras da invenção contemporânea da cultura azulejar. In *Livro de Resumos do Congresso Património, suas matérias e imatérias — PATRIMA_2016* (pp. 26-27). Lisboa, LNEC.

- Neves, P. S. (2015). Significado de arte urbana, Lisboa 2008-2014. *Convocarte — Revista de Ciências da Arte*, 1, pp. 121-134. Acedido em http://convocarte.belasartes.ulisboa.pt/wpcontent/uploads/2015/12/Convocarte_1_site.pdf
- Olivia, G. (1995). *Waves of influence — Cinco séculos do azulejo português* [catalog of an exhibition held at Snug Harbor Cultural Center, February 27-May 22, 1994; Everson Museum of Art, March 17-May 7, 1995; Museum of Art, Rhode Island School of Design, December 8, 1995-February 7, 1996]. Lisboa, Metropolitano de Lisboa.
- Pais, A. (2014). A construção de uma cidade de loiça. Maria Keil e a renovação da azulejaria contemporânea. In *De propósito — Maria Keil, obra artística* [catálogo de exposição] (pp. 50-59). Museu da Presidência, Lisboa.
- Santos, R. (1957). O Azulejo em Portugal. [s.l.]: Editorial Sul Limitada.
- Um gosto português. O uso do azulejo no século XVII* [catálogo de exposição] (2012). Lisboa: MNAz/Athena.
- Junior, W. Z. (2011). Arte pública e arte de rua. In *Actas do II Seminário Internacional sobre Arte Público em Latinoamérica — Arte público y espacios políticos: interacciones y fracturas en las ciudades latino-americanas* (pp. 138-148). Vitória, ES: Seminário Internacional sobre Arte Público en Latinoamérica.

